

## MICROBIALITOS PERMIANOS DA FORMAÇÃO TERESINA EM BOCAINA (MUNICÍPIO DE TAGUAÍ, SP, BACIA DO PARANÁ)

Christiano Ng<sup>1</sup>, Rosemarie Rohn<sup>2</sup>, Thomas R. Fairchild<sup>3</sup>, Maria da Saudade A. Maranhão<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UFPR, Petrobras; <sup>2</sup> UNESP-Rio Claro; <sup>3</sup> IGc-USP; <sup>4</sup> IG/SMA

Pesquisas recentes têm registrado microbialitos em diversos afloramentos e testemunhos de sondagens das formações Teresina/Corumbataí, Grupo Passa Dois, Permiano (Inferior?-) Médio, especialmente à borda leste/nordeste da Bacia do Paraná. Os paleoambientes aparentemente relacionaram-se a um mar interior epêirico, sem conexão comprovada ao oceano, em clima relativamente seco, com intensas tempestades. Destaca-se uma sucessão carbonática-siliciclástica mista de quase 25 m de espessura entre a rodovia SP-249 e o Bairro Bocaina no Município de Taguaí, sudoeste do Estado de São Paulo (coordenadas UTM 22K 664,645 km E, 7.406,421 km N), registrada inicialmente por M.S.A. Maranhão em 1995. Os microbialitos foram observados em cinco camadas carbonáticas e possivelmente em mais três silicificadas, geralmente intercaladas entre argilitos/arenitos muito finos interlaminados, com acamamento *wavy* e por vezes gretados, que gradam frequentemente para arenitos finos a médios com estratificação cruzada de pequeno porte. Em geral, as fácies sugerem sucessões cíclicas de raseamento ascendente. Na porção inferior da exposição, quatro camadas são classificadas como *bindstones* que, com exceção da primeira, encontram-se todas silicificadas. Aproximadamente no terço superior do empilhamento, um *packstone*, um *floatstone* e um *wackestone* incluem oncoides e fragmentos de estromatólitos colunares, associados a ostracodes, espículas de espongiários, clastos fosfáticos, além de pseudomorfos de anidrita parcialmente substituídos por calcita e calcedônia. A estes níveis sobrepõe-se a camada microbiana principal da localidade, contendo bioermas mistos compostos por *framestone* desenvolvido a partir de *bindstone*. Tratam-se de estromatólitos arborescentes dômicos, lembrando um “mini-atol” (em torno de 30 cm de altura e 50 cm de diâmetro), com margem mais robusta e relevo sinóptico alto que protege delicadas ramificações internas. Os espaços intercolunares foram preenchidos, episodicamente, por *wackestone* e *packstone* com peloides, ooides, abundantes intraclastos estromatolíticos, nódulos evaporíticos (eventualmente calcificados ou silicificados), bem como quartzo detrítico, ostracodes, moluscos bivalves e escamas e dentes de peixes. Estes bioermas parecem correlacionar-se, lateralmente, com níveis de *floatstones* com muitos intraclastos estromatolíticos, poucos metros ao lado. Todas as camadas microbianas de Bocaina formaram-se em águas rasas, quentes, provavelmente em fases climáticas mais secas. Os *bindstones* representam condições estagnadas e restritas. Os estromatólitos dômicos indicam águas mais agitadas. As camadas com intraclastos microbianos originaram-se sob

influência de fluxos induzidos por tempestades. Os evaporitos indicam aridez, enquanto os ostracodes e outros fósseis implicam em condições climáticas menos severas. Os intervalos siliciclásticos provavelmente representam períodos mais chuvosos. Estromatólitos colunares arborescentes semelhantes aos de Bocaina e possivelmente em posição estratigráfica equivalente ocorrem também em Prudentópolis (PR), a sul de Congonhinhas (PR, sondagem SP-58-PR, ~280 m) e próximo de Juá em Joaquim Távora (PR). Tais estromatólitos poderiam sinalizar um evento peculiar de colonização microbiana de ambientes similares. Estas supostas correlações permitem atribuir o afloramento de Bocaina à parte inferior da Formação Teresina.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTROMATÓLITOS, CARBONATOS, BRASIL.